

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



## **PRESERVAR PARA CONHECER**

A importância da memória no estudo da linguagem neocolonial em Belém-PA

## **PRESERVE TO KNOW**

The importance of memory in the study of neocolonial language in Belém-PA

## **CONSERVAR PARA SABER**

La importancia de la memoria en el estudio del lenguaje neocolonial en Belém-PA

Felipe Moreira Azevedo<sup>1</sup>

Cybelle Salvador Miranda<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo discute, a partir de uma entrevista com morador de residência neocolonial no bairro de Nazaré, em Belém do Pará, a memória como registro à preservação, na importância desta para o entendimento das intervenções que a edificação sofreu e sofrerá, considerando a arquitetura um documento/artefato. Pela metodologia qualitativa, observou-se a inserção das edificações civis neocoloniais no contexto estético contemporâneo, e no papel da memória na permanência desta linguagem arquitetônica. Assim como a consolidação das edificações como artefatos culturais da sociedade paraense, contribuindo para divulgar a necessidade do conhecimento acerca das arquiteturas, enquanto marcos para a ancoragem das memórias individuais e coletivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem Neocolonial; Memória; Bairro de Nazaré; Documento; Belém-PA.

### **ABSTRACT**

This article discusses, based on an interview with a resident of a neocolonial residence in the neighborhood of Nazaré, in Belém do Pará, memory as a record of preservation, and its importance for understanding the interventions that the building has undergone and will undergo, considering architecture as a document/artifact. Through qualitative methodology, we observed the insertion of neocolonial civil buildings in the contemporary aesthetic context, and the role of memory in the permanence of this architectural language. As well as the consolidation of buildings as cultural artifacts of Pará society, contributing to disseminating the need for knowledge about architectures, as landmarks for anchoring individual and collective memories.

**KEYWORDS:** Neocolonial Language; Memory; Nazaré neighborhood; Document; Belém-PA.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará | <https://orcid.org/0000-0002-6490-1217> | [arqlipe.moreira@gmail.com](mailto:arqlipe.moreira@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará | <https://orcid.org/0000-0001-5913-989X> | [cybelle@ufpa.br](mailto:cybelle@ufpa.br)

## RESUMEN

Este artículo discute, a partir de una entrevista con un habitante de una residencia neocolonial del barrio de Nazaré, en Belém do Pará, la memoria como registro de preservación, en su importancia para la comprensión de las intervenciones que el edificio ha sufrido y sufrirá, considerando la arquitectura como documento/artefacto. Utilizando una metodología cualitativa, se observó la inserción de las edificaciones civiles neocoloniales en el contexto estético contemporáneo y el papel de la memoria en la permanencia de este lenguaje arquitectónico. Además de la consolidación de las edificaciones como artefactos culturales de la sociedad paraense, contribuyendo a difundir la necesidad del conocimiento sobre la arquitectura, como marcos para anclar memorias individuales y colectivas.

**PALABRAS CLAVE:** Lenguaje Neocolonial; Memoria; barrio de Nazaré; Documento; Belém-PA.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da linguagem neocolonial em Belém analisa parte da história arquitetônica paraense, compreendendo a intencionalidade nas suas formas e retórica que marcam o Brasil entre o início do século XX, acentuando-se em 1914, até meados da década de 40 do século XX (Azevedo, 2015).

A arquitetura do final do século XIX e início do XX em Belém é marcada (Azevedo, 2015) por transformações. As edificações passam a apresentar diminuição no uso de elementos decorativos - presentes nas estéticas passadas como o art nouveau e o ecletismo - , intensificados a partir de 1910, quando, nesta cidade, tem-se a substituição da arquitetura eclética por outra marcada por elementos como pequenos frontões curvilíneos e ornados e o uso de beiral aparente que torna-se interessante aplicação devido a falta de matérias-primas que, antigamente, eram importadas da Europa (Cal, 1989).

Como exemplo observa-se o conjunto arquitetônico da Vila Militar da Passagem Salgado Filho (Fotos 1 e 2), onde nas suas fachadas ainda há elementos estético-funcionais neocoloniais do tipo luso-brasileiro (Azevedo, 2015), como: o frontão com azulejos decorativos e sacadas com guarda-corpos em madeira pintada. Essas características, assim como outras, são elementos composicionais da gramática arquitetônica neocolonial presente em Belém projetada, principalmente, nos anos entre 1920 a 1950.

Foto 1 – Vila Militar da Passagem Salgado Filho em 2015.



Autor: AZEVEDO, Felipe Moreira. 2015.

Foto 2 – Vila Militar da Passagem Salgado Filho em 2024.



Autor: AZEVEDO, Felipe Moreira. 2024.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



Desenvolvida pela atuação de engenheiros civis, arquitetos ou pelos próprios proprietários, nestas arquiteturas residenciais vê-se uma estética cuja forma e beleza serviriam como uma representação da família, uma espécie de “abre alas” para a sociedade vigente, à época, como panorama de seu *status* e grau de hierarquia social. Para isso, o estudo do neocolonial paraense consiste, também, na assimilação “do pensar” dos construtores (eruditos e os não eruditos), assim como na forma de aquisição/apropriação desta estética arquitetônica por parte da sociedade, além do prestígio e demonstração de avanço e progresso econômico (Azevedo, 2015).

Para Segre (1934, p. 133) “esse estilo apresenta uma articulação entre a linguagem ‘cultu’ da arquitetura erudita e a ‘liberdade’ de organização que pode-se encontrar na arquitetura popular ou vernácula”. Considerada uma linguagem que ideologicamente combatia a mistura de estilos do ecletismo, sendo vista como adaptação do colonial, porém com um “toque” de modernidade advinda das vanguardas européias e que vieram depois gerar o movimento modernista propriamente dito (Azevedo, 2013).

Partindo dessas observações este artigo discuti a partir de uma entrevista com morador de uma residência neocolonial no bairro de Nazaré, em Belém do Pará, como a memória (individual e coletiva) pode ser empregada como registro à preservação. Verificando a importância desta para o entendimento das intervenções que a edificação sofreu e sofrerá, considerando a arquitetura como um documento/artefato.

Através da abordagem metodológica qualitativa, atentou-se para a inserção das edificações civis neocoloniais no contexto estético contemporâneo e no papel da memória para a permanência desta linguagem arquitetônica, assim como a consolidação dessas edificações como artefatos culturais da sociedade paraense. Contribuindo para divulgar a necessidade do conhecimento acerca das arquiteturas, enquanto marcos para a ancoragem das memórias individuais e coletivas.

Este estudo arquitetônico, portanto, volta-se a análise da arquitetura como receptáculo sináptico, pois apesar de ser considerada como uma arte expressiva (cultu ou coloquialmente), ela também possui a função de proporcionar rememorar o passado, ou aprender mais sobre ele (memorar). Afinal através desta pode-se entender o decurso histórico, para assim fortalecer as heranças possíveis de épocas de outrora.

## 2 O NEOCOLONIAL: A MEMÓRIA DA LINGUAGEM ARQUITETÔNICA

Quando estuda-se um “estilo” arquitetônico, como arquitetos volta-se a análise de características, elementos decorativos, estruturais e etc. Porém esta análise deve comportar outras etapas que auxiliam na compreensão de intervenções/decisões em edificações antigas. No caso do neocolonial essas análises somam-se a presença de outras estéticas arquitetônicas como o manuelino e o barroco de Portugal, o mourisco, o gótico, e outros, que são pertinentes, e por isso muitos estudiosos a consideram como pertencente ao ecletismo vivenciado no país e em grande parte da América Latina, logo, como um *movimento arquitetônico* (Azevedo, 2015).

Entretanto, ao tratar do fator ideologia o neocolonial possui um conceito próprio, que seus defensores o tinham e divulgavam como princípio desta arquitetura, não apenas o seu significado e o de cada objeto decorativo aplicado, mas a mentalidade difundida neles acerca da influência portuguesa no país era uma forma de ampliar e defender a importância, para o Brasil, segundo eles, da valorização desta arquitetura, como, por exemplo, José Mariano Filho e suas tentativas de incluir nos processos de estudo da então Academia de Belas Artes a arquitetura colonial brasileira (Pinheiro, 2006).

Ao estudar o neocolonial, portanto, faz-se necessário entender a sociedade na qual este surgiu, principalmente na compreensão de sua influência ideológica, vista no ideário de seus conhecidos defensores, que foram Ricardo Severo (São Paulo) e José Mariano Filho (Rio de Janeiro) (Azevedo, 2013). Logo, vê-se a importância dos oradores à defesa, pois são estes que irão difundir o ideal, partindo da noção de estilo individual para uma coletividade, ou seja, a visão do gênero a ser identificado no individualismo para, depois, ser adaptado a qualquer orador ou circunstância (Ginzburg, 2001). Em suma, no caso do neocolonial, procura-se partir da parte a fim de atingir o todo, logo, nasce – do pensar de uma pessoa ou grupo – e ao passar por *metamorfoses* é adaptado para outros públicos, sociedade ou classe até atingir o ideal universal.

Na arquitetura, entretanto, é comum ter-se mesmo com o fim do estilo uma visão saudosista, o que Ginzburg (2001) chama de *imitação literária*, que naquela se aplica aos revivalismos. Assim, o neocolonial poderia ser como um *revival*, por diferentes motivos: pelo gosto, ou seja, na diversidade das preferências nacionais; ou devido às questões como a política (Azevedo, 2020). Dentro deste pensar, no caso dessa estética, a relação entre estética



<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



e política não é dissipada, pois trata-se de um testemunho que caracteriza o neocolonial na história sendo expressiva em uma ideologia populista, típica da Era Vargas e da Intendência de Magalhães Barata no Pará (Azevedo, 2015). O que proporcionou na década de 30 do século XX em Belém, o surgimento de prédios públicos, escolas e casas particulares erigidos adotando o neocolonial como estética arquitetônica.

Assim nesta há o uso de elementos e formas de estilos passados, como visto no ecletismo, porém regidos por uma nova ideologia. Portanto, a conclusão que se tem sobre esta arquitetura é a presença de uma contradição na forma de pensar, ver e classificá-la, pois segundo teóricos como Ricardo Severo, José Mariano Filho e os "neocolonialistas" (Bispo, 2011, p. 45), este foi um movimento com ideologia própria, cujo cerne seria a valorização da influência portuguesa no Brasil, a exemplo do discurso de Severo para a Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, em 1914. Todavia, haviam aqueles – o grupo de intelectuais do antigo SPHAN – que consideravam o neocolonial como um estilo, "numa visão saudosista, de [defender] uma continuidade do passado e uma reprodução dessa arquitetura no presente, de maneira estilizada e misturada (...)" (Bispo, 2011, p. 45).

Paralelamente a esta discussão, vê-se em Belém o uso do neocolonial aplicando formas e padrões nas edificações civis que transmitem uma individualidade, marcada e baseada em uma tradição de influência portuguesa, mas com regionalidade, afinal cada cidade possui sua própria história (Azevedo, 2013). Em Belém este difunde-se a partir de três composições: a primeira com influência na arquitetura vernácula portuguesa desenvolvida na época do manuelino em Portugal, com padrão semelhante às edificações coloniais brasileiras; outra a partir das composições do *Mission Style*, conhecidos em Belém como *bolos de confeitado*, *bolo confeitado* ou *bolos de noiva*, com elementos mouriscos, góticos, manuelinos e barrocos; e por último os bangalôs ou as habitações econômicas simples, menores e menos suntuosas (Azevedo, 2015; Azevedo; Miranda, 2021).

Dessa forma o neocolonial possui a "essência oculta" (Ginzburg, 2001, p. 170), ou seja, ele unifica estilos diferentes em um mesmo momento, porém interpretando os elementos arquitetônicos de forma diferente, assim, os elementos estéticos compreendidos nesta arquitetura lançam uma compreensão, uma nova finalidade intrínseca e necessária para a tradução desta estética arquitetônica. Portanto, um termo que se adéqua para classificar o neocolonial é *linguagem* (Azevedo, 2015), pois é uma estética que unifica dois pensamentos: o de movimento, com a presença de ideologia consistente e alicerçada através de valores e

defensores; mas, também, é estilo ou vertente, afinal utiliza-se de elementos de outras estéticas, que variam em cada região do Brasil, que confirmam a relação entre sua ideologia com a própria forma de aplicar sua arquitetura.

A ideia de *linguagem arquitetônica* (D'Lambert, 2003) também pode se confirmar a partir de outro registro, que é a *memória*, ou seja, o homem. Logo, a construção da história de uma arquitetura pode ser realizada através da memória das pessoas, tanto a sua visão sobre esta (memória individual), assim como de uma sociedade (memória coletiva). No caso do neocolonial este estudo é interessante, pois pode-se melhor compreender o porque Ricardo Severo e José Mariano Filho denominaram como *arquitetura patriótica* uma linguagem estética que afirmavam ter como base as casas vernáculas portuguesas construídas no Brasil colônia (Azevedo, 2013).

Assim como a pretensão dos mesmos em marcar na memória da sociedade não só as características arquitetônicas, advindas desde o colonial, mas destacar a importância do passado lusitano na história do Brasil que, segundo estes, estava ameaçada pela abertura ao ecletismo de matriz francesa. Logo, a intenção dos oradores, era a de perpetuar esta arquitetura, por sua vez, na memória (conhecimento) coletiva e individual da sociedade e dos cidadãos. Almejavam mostrar a essência do que para eles era a arquitetura brasileira, a fim de que a *psyché* coletiva e individual pudesse reconhecer, através dos exercícios de memória (Almeida; Bogéa, 2007; Assmann, 2003), o passado arquitetônico brasileiro.

### 3 PRESERVAR PARA CONHECER: O CASO DA RESIDÊNCIA RIBEIRO REIS

A memória é essencial (Azevedo, 2015). Poder lembrar-se de fatos, cenas, acontecimentos, principalmente os considerados marcantes, ajudam a narrar a própria história. Dessa forma no contexto histórico da arquitetura paraense o período no qual o neocolonial se desenvolveu, entre as décadas de 20 a 50, do século XX (Azevedo, 2024), ainda encontra-se vivo (recente). Por isso a apreensão que muitos relatam (Azevedo, 2015) quando se deparam com esta linguagem não se alicerça puramente na questão arquitetônica, ou seja, quando se relembra uma edificação as pessoas rememoram o passado que a compõem, a sociedade, a forma de vestir e se portar, a política, as ideologias disseminadas, os materiais aplicados nas construções e etc.

Porém, as lembranças não são eternas. As pessoas são guiadas por uma memória *involuntária* – recorda-se em dosagens, a partir de flashes – que ao aliar a memória coletiva – composta por fatos, cenas de várias pessoas que vão se entrelaçando com os de outras – compõem a história em sociedade (Almeida; Bogéa, 2007; Assmann, 2003). Portanto, por meio da rememoração pode-se indagar sobre *artefatos humanos* pertencentes à cultura material do povo, elementos ou monumentos de busca do passado, como as transformações ocorridas na arquitetura presentes na década de 20 até meados da primeira metade do século XX, onde está inserida a arquitetura neocolonial na cidade de Belém.

O mesmo pensamento pode ser aplicado quando fala-se sobre a questão de preservar, na qual há a necessidade de pensar na seleção dos fatos a serem rememorados. A importância desses *artefatos edificados* deve-se ao resgate do passado através da preservação do *documento físico* para as gerações (Chiarotti, 2005). Contudo desde épocas paleocristãs tem-se feito o uso da memória para perpetuar a forma de viver, de habitar, ou seja, passar aos descendentes os saberes e conhecimentos: "(...) a capacidade de lembrar-se, por mais falível que seja, é que faz do ser humano um ser humano. Sem ela, não seríamos capazes de construir uma identidade própria nem de nos comunicar com outros enquanto indivíduos" (Assmann, 2003, p. 2). Assim, uma das formas para melhor entender e conhecer como uma arquitetura se desenvolveu ou se manteve preservada é partir da análise da memória (coletiva e individual) presente nesta sociedade.

Com essa afirmação e levando em conta a importância de procurar preservar a arquitetura neocolonial belemense, buscou-se uma abordagem na ação entre teoria e evidências a partir de estudos e análises, a fim de entender o porquê das mudanças ocorridas nessas edificações, o que levam os moradores a preservar determinadas características ou elementos decorativos e a desaparecer com outros, provocando seu apagamento. Optou-se por apresentar parte desta pesquisa aqui, através do estudo de caso com uma moradora de residência neocolonial (Foto 3), que apresenta externamente arcos e muro decorado com pedras; pares de colunas dóricas; entre outros elementos. Localizada na Passagem Joaquim Nabuco, no bairro de Nazaré, em Belém do Pará, e que por motivos para ela importantes busca-se preservar algumas características da edificação.



Foto 3 – Residência Ribeiro Reis em 2013.



Autor: AZEVEDO, Felipe Moreira. 2013.

Com esta entrevista pode-se perceber que a partir de um ato individual da moradora a respeito da questão do que preservar e intervir nesta residência unifamiliar, mantem-se parte da memória sócio urbana e a integridade da edificação não apenas a física, mas a memográfica arquitetônica desenvolvida na cidade de Belém. As alterações registradas entre 2013 e 2024 são marcas da adequação do espaço familiar às novas condições sociais e aos desejos dos moradores. Portanto, o problema não é a intervenção, mas como esta ocorre, pois em projeto apresentado<sup>3</sup> a entrevistada também possui intenção de realizar modificações, como no pátio localizado sobre a garagem na lateral da edificação.

---

<sup>3</sup> Informação fornecida pela moradora para o pesquisador Felipe Moreira Azevedo, em 13 de junho de 2013.

A intenção é fazer ali. Por que tem dois quartos lá em cima mais o meu, três quartos, mais uma sala de estudo. A intenção é arredar, por que aqui da pra fazer um quarto, aí vai cobrir e fazer outro quarto lá, porque temos três filhos morando aqui, aí vamos fazer um quarto para cada um (Belém, 13 de Junho de 2013, Quinta-feira)<sup>4</sup>.

Os desejos de mudança contrastam com o fato de que “os ambientes construídos pelos homens guardam, através de sua materialidade, a memória das ideias, das práticas sociais e dos sistemas de representação dos indivíduos que ali convivem” (Almeida; Bogéa, 2007, *online*), tornando-se uma forma de ativar suas memórias, direta ou indiretamente, provando que a ação de preservar o imóvel, por parte da moradora é importante para mantê-lo (edifício) vivo como elemento depositário de valor cultural.

Ao decidir intervir em edificações antigas, como as residências neocoloniais, deve-se saber quais serão os processos de *apagamento*, a fim de não prejudicar na rememoração das pessoas, podendo interferir na memória coletiva da sociedade (Azevedo, 2020). Por isso todas as reformas exigem ação crítica e análise de impacto, afinal a produção destas ocorreu em momento distinto do atual e, hoje, os moradores precisam priorizar questões como a segurança, a exemplo do relato da proprietária sobre a questão do muro e do gradil (Foto 4), cujo desenho feito consiste em padrão de forma simples, composta por voluta trabalhada como à pétala de uma flor, localizado, em 2013, na frente da residência, que sofreu alterações a partir de 2019/2020 (Foto 5).

Fotos 4 e 5 – Grade na entrada da Residência Ribeiro Reis em 2013 e 2024, respectivamente.



Autor: AZEVEDO, Felipe Moreira. 2013; 2024.

<sup>4</sup> Trecho da entrevista para o pesquisador Felipe Moreira Azevedo, em 13 de junho de 2013.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



O muro está do mesmo jeito, mas a nossa intenção é deixar no estilo de grade [foto 4] mais aumentar para poder colocar alguma coisa aqui e não levarem, os moradores de rua [foto 5]. (...) Olha o que acontece muito é...assalto...principalmente crianças quando saem do colégio, a noite...fica muito deserto. (...) aqui é passagem...tem muita gente, então o pessoal que passa a gente não sabe quem são (Belém, 13 de junho de 2013, Quinta-feira)<sup>5</sup>.

Logo, emergem os problemas existentes nas cidades brasileiras que começam a afetar a vida e a forma de habitar dos moradores que por resguardo e proteção erguem paredões, muros, segregando os ambientes internos e privados do externo, público, provocando intervenções que seriam desnecessárias se os referidos problemas fossem tratados de forma mais efetiva. Atenta-se, também a outro exemplo dessas intervenções nas edificações neocoloniais para adequarem-se aos novos programas de necessidades, muito visto em Belém, que são as transformações de antigas residências em consultórios, clínicas ou sedes de instituições públicas (Azevedo, 2015).

Estas recorrências geram apagamentos de elementos externos e internos como as escadas, o piso (geralmente de acapú e pau amarelo), até a própria organização (setorização) dos ambientes. Porém, há elementos, espaços ou detalhes que são mantidos, seja por sua beleza ou pelo recordar que estes transmitem. No caso da entrevistada também há esta relação que pode ser vista de duas maneiras, pois uma refere-se especificamente a um elemento da casa - no caso a escada, localizada entre a sala de visita e cozinha, com guarda-corpo trabalhado e com formato helicoidal -, o outro consiste na visão de *ambiente perfeito* - momento em que a entrevistada relata a alteração feita em uma parede, através da retirada de uma janela e a colocação de uma porta na lateral da edificação próximo a garagem.

a porta que nós alteramos era bem aqui e aqui havia uma janela, aí fechamos a porta e colocamos essa, fica até melhor para ver a casa. A escada, eu acho linda e acho que é uma peça decorativa da casa, meu marido quer tirar por que ele diz que é uma sala só pra ela. Essa escada...eu penso em abrir aqui, aí ela vai ficar melhor se colocar a sala de jantar para cá por que eu gosto de tudo amplo, igual salão de festa (Belém, 13 de Junho de 2013, Quinta-feira)<sup>6</sup>.

Assim como a edificação só passa a ser considerada como obra de arte a partir do momento em que esta se torna obra para o indivíduo, o mesmo ocorre com a preservação de uma edificação, pois ela só tem significado no momento em que este prédio fixa-se na memória da pessoa ou do povo, ou seja, quando este passa a vê-la como um *documento físico*

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

capaz de cumprir a dupla função: manter viva a memória dos indivíduos – em especial os mais antigos –, seja por momentos específicos, pessoais ou coletivos; e a preservação arquitetônica dos imóveis (Azevedo; Miranda, 2023).

Nesta visão, portanto, cada remoção ou acréscimo “equivaleria a um cancelamento de uma passagem histórica” (Almeida; Bogéa, 2007, *online*), logo, a intervenção nestes imóveis deve seguir uma visão racional, seja delineada pela história ou baseada na ação do proprietário como no caso da entrevistada, mas devendo de ambas as formas apresentar seu juízo de valor. Para a preservação destes *artefatos edificados* deve-se ater ao que será lembrado e esquecido ao realizar intervenções, a fim de que estes procedimentos sejam a favor da importância da preservação da documentação, seja ela física ou através da memória (coletiva e individual), realizando a cada passo procedimentos respaldados por evidências (documentos, normas, regras), mas que, principalmente, sirvam para manter viva a lembrança, como a memória coletiva, preservando-a do esquecimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a cultura material, neste caso a arquitetura, permite alcançar maior interação entre as pesquisas sociais (memória coletiva e individual), assim como a história, aplicadas como aportes para analisar as arquiteturas como *documentos* e *monumentos*. Portanto, a escolha da arquitetura como sobrevivente da memória é efetuada por “forças”, quer da ciência (historiadores) quer da sociedade (política). Logo, ao considerar os imóveis neocoloniais como *culturas materiais* da sociedade se pode, também, buscar compreender as pessoas dessa época, assim como manter viva e presente para as gerações futuras não apenas a memória da própria sociedade, mas a memória impregnada na edificação como *documento físico*.

Para considerar esta arquitetura como documento concreto da memória necessita-se transformá-la em uma herança do passado, ou seja, uma simbologia, tornando-a testemunho legal de um determinado tempo, em Belém ou no Brasil. Assim, o artefato não é um objeto consolidado, pelo contrário, está sempre inacabado, pois é passível de variação (mudança) para ser útil. Porém, as intervenções realizadas, na maioria das vezes, não seguem as normas e padrões propostos para preservar as características das mesmas, o que prejudica não apenas a história da arquitetura paraense, mas a própria memografia (uma mistura de biografia com a memória dos objetos e da paisagem urbana), resultando numa lacuna na trajetória individual, um esquecimento desse objeto/artefato.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



Considerar que estas edificações além de monumentos como documentos consiste em prova histórica, que possui uma objetividade e com isso a obrigatoriedade de ser preservada pelas diversas maneiras possíveis, inclusive através da escrita. Afinal, desde a escola positivista a obra arquitetônica é incorporada em signo onde através desta pode-se deixar marcadas todas as características, desde os detalhes até a parte técnica. Portanto, o documento (edificação) não é inócuo, neutro, mas contém toda uma influência, que, como visto nos monumentos, devesse ter total atenção.

Por conseguinte, obras como a residência Ribeiro Reis podem ser consideradas um documento histórico e analisadas de maneira análoga, por isso o *valor artístico* da obra não é a parte mais importante da identidade desta, pois o usuário irá primeiro perceber o seu *valor de antiguidade* ou o *valor de novidade*. Afinal, mesmo que a memória seja fixada no material, ela não deve ser cristalizada, mas permitir adaptar-se a contemporaneidade das necessidades humanas, procurando preservar a sua identidade estética e imagética social, histórica e gramatical arquitetônica.

A ideia do edifício como prova concreta (documento) da memória é confirmada, pois o *valor de antiguidade* pode ser visto não somente pelo lado objetivo, mas o íntimo da pessoa também é levado em consideração como no caso da entrevistada, sendo afetado pela sua temporalidade. Na qual vê-se a importância do valor histórico da edificação, atentando que todo o monumento de arte é também um monumento histórico.

As contribuições desta pesquisa são importantes, pois permitem analisar as edificações neocoloniais a partir de uma abordagem social, ou seja, no decorrer desta pesquisa, vê-se que, vários fatores se amalgamaram e embora alguns gostem das edificações, seja por ser antiga, pelos elementos estético-funcionais ou volumetria, a maioria optam por fazer modificações como alisamento da parede externa, mudança de pintura e até modificação da própria concepção arquitetônica.

Contudo, dois fatores aqui são destacados como responsáveis por estas: a ideia do gosto, ou seja, em procurar materializar sua residência como deseja, sendo exemplo à entrevista apresentada, na qual percebe-se a relação em procurar manter determinados detalhes, elementos da edificação como a escada, aliada à necessidade de fazer adaptações visto na intenção de alterar a volumetria para a criação de outro quarto, além da alteração da fachada principal com a elevação do muro com o portão de proteção.



<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



O segundo é o fator segurança. Devido à falta desta, em Belém, muitas edificações neocoloniais do bairro de Nazaré tiveram suas fachadas alteradas no decurso de 2013 a 2024 (pesquisa em andamento). Estas ações acabam provocando apagamentos na história da arquitetura paraense, assim como podem auxiliar na descaracterização das mesmas, prejudicando na preservação destes objetos arquitetônicos e a inserção do neocolonial na memória coletiva da sociedade.

A alteração de elementos estéticos compromete o reconhecimento do neocolonial como uma linguagem arquitetônica capaz de transmitir uma interação não verbal com o espectador, no qual este pode aprender e conhecer sobre a cultura arquitetônica belemense, assim como, para alguns, ajudar na rememoração do passado, servindo para encará-la como uma linguagem merecedora de salvaguarda, evitando o silêncio de um passado arquitetônico cada vez mais sem testemunhos.

## 5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eneida de; BOGÉA, Marta. Esquecer para Preservar. **Revista Arqtextos**. Nº 15, 2007. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.091/181>>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

ASSMANN, Aleida. A gramática da memória coletiva. **Humboldt**, 86, ano 45, Bonn, Goethe Institut Inter Naciones, p. 2-4, 2003.

AZEVEDO, Felipe Moreira. A Importância da Memória Individual e Coletiva na Preservação de Bens de Interesse em Belém-PA e Macapá-AP. p. 261-273. In: MENDES, Paulo Sérgio Abreu; PALHETA, Ana Corina Maia; SOUZA, Adirleide Greice Carmo de (org.). **Desenvolvimento Ambiental e Urbano da Cidade de Macapá**. 1ª Edição. Brasília: Senado Federal, 2020.

AZEVEDO, Felipe Moreira. A Linguagem Arquitetônica Tradicionalista: estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940). **Dissertação** (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.

AZEVEDO, Felipe Moreira; MIRANDA, Cybelle Salvador. Estudo das Fachadas Neocoloniais em Belém: linguagem arquitetônica tradicionalista no bairro de Nazaré. In: MIRANDA, Cybelle Salvador, *et. al.* **Arquitetura amazônica: tradição, tradução e inovação**. Belém: Folheando, 2021. p. 108-133.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



AZEVEDO, Felipe Moreira; MIRANDA, Cybelle Salvador. Estratigrafia do Instituto Estadual Carlos Gomes de Belém do Pará: das ações do arquiteto português David Lopes às intervenções contemporâneas. In: **Atas** do 4º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira – Ambientes em mudança. Guimarães, Portugal: Universidade do Minho, Escola de Engenharia, Set. 2023, p. 993-1004. Disponível em: <<https://civil.uminho.pt/eventos/cihclb-4o-congresso-internacional-de-historia-da-construcao-luso-brasileira/>>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

AZEVEDO, Felipe Moreira. Instituto Estadual Carlos Gomes: Análise Histórica, Arquitetônica e Proposta para uma intervenção museográfica no prédio pioneiro. Belém, 2013. 154f. **Monografia** (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, 2013.

BISPO, Raphael. Selecionar, disputar e conservar: práticas de comunicação social e construção da memória nacional pelo Iphan. **Revista CPC**, São Paulo, nº 11, p. 33-59, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15671/17245>>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

CAL, Carmen Lúcia Valério. Esboço da Evolução da Arquitetura Residencial em Belém, na Primeira Metade do Século. **Revista Tecnológico**, Belém, 2, 64-83, 1989. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2011/11/30/esboco-da-evolucao-da-arquitetura-residencial-em-belem-na-primeira-metade-do-seculo-por-carmen-cal/>>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

CHIAROTTI, Tiziano Mamede. O Patrimônio Histórico Edificado como um Artefato Arqueológico: uma fonte alternativa de informações. **Revista Habitus**. Goiânia, v.3, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/61>>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

D'LAMBERT, Clara Correia. Manifestações da Arquitetura Residencial Paulistana entre as Grandes Guerras. **Tese** (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GINZBURG, Carlos. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.ago2025-4>



PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. A História da Arquitetura Brasileira e a Preservação do Patrimônio Cultural. **Revista CPC**, São Paulo, v.1, n.1, p. 41-74, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15580>>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

SEGRE, Roberto. **América Latina, Fim de Milênio: raízes e perspectivas de sua arquitetura**. São Paulo: Studio Nobel, 1934.

---

Todos os(as) autores(as) declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

**Recebido em:** 08/01/2025 | **Revisado em:** 07/08/2025 | **Aceito em:** 19/08/2025